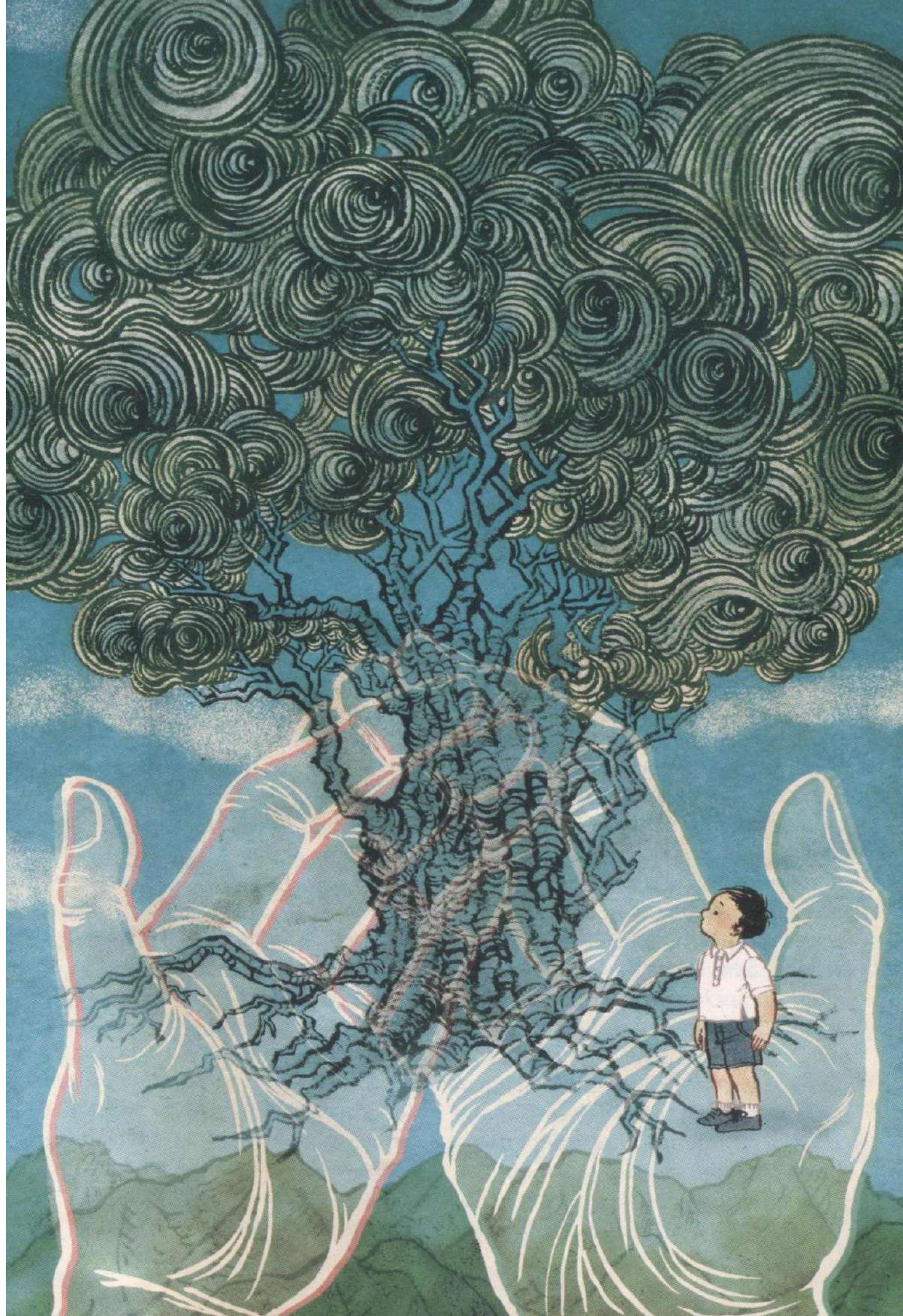


# Chamado selvagem

No nosso quintal saudável, um canto de pássaro de cada vez, minha mãe me ensinou a ser naturalista

POR RICK BASS

**M**inha mãe não possuía uma planilha ou banco de dados intitulado “Dose de Natureza ou Atividades Diárias Ao Ar Livre para Fazer de Meus Filhos Pessoas Melhores”. Em vez disso, dar atenção à natureza – e acho que ela definiria a palavra “natureza” como todos os seres vivos além de nós mesmos – simplesmente fazia parte de seu jeito de viver. Fosse ao falar do pássaro que acabara de chegar espalhando o alpiste do comedouro do quintal, ou ao dizer o nome dos vários tipos de esquilo que patrulhavam os quintais do nosso bairro próximo ao centro de Houston, EUA, enchendo as calçadas de restos mastigados de nozes-pecãs que furavam o pé



dos passantes descalços, ou apenas ao dar apoio à mania que eu tinha de fazer de animais de estimação todas as criaturas que conseguisse capturar no pântano – cobras-de-água esguias com seu fascinante brilho esmeralda; girinos de rã-touro gigante com a cabeça bulbosa que parecia indicar uma inteligência cetácea; tartarugas pré-históricas de casco mole, com formato de panqueca, de barriga clara e pescoço periscópico; lagostins de água doce; lagartos listrados; jabutis; bagres; peixinhos de superfície; caracóis (em algum momento deve ter dado a impressão de que todas as criaturas do reino animal haviam passado pela minha casa e morado nela por algum tempo) –, a minha mãe me inculcou, desde que me lembro, o hábito não só de olhar além de mim mesmo, como de me sentir estimulado e entusiasmado com o que o mundo tinha a oferecer.

Às vezes, pessoas como eu costumam dizer “Queria ter nascido cem anos atrás” ou “Como queria ter visto esse país quando ele era jovem, íntegro e forte...”, mas a verdade é que, no fundo, não posso me queixar. Tive muita sorte. Do ponto de vista naturalista, creio que vivi a última boa e velha infância não aterrorizada pela consciência de perda, graças à minha mãe, e por isso me considero um sortudo. Devo confessar que, hoje, nem sempre sigo o exemplo dela. Quando mostro às minhas filhas alguma expressão da natureza, seja sublime ou sutil, muitas vezes o faço com aquela incerteza consciente que nos leva

a perguntar: “Isso – um passarinho, uma geleira, o som de uma narceja na primavera – é algo que elas poderão compartilhar com os filhos?”, sabendo que a resposta talvez seja não.

É claro que houve dias da minha infância que se passaram sem contato com a natureza, mas não foram esses que ficaram na memória. O que me lembro é da empolgação de descobrir pegadas de algum bicho no quintal, e de minha mãe passar horas comigo fazendo um molde de gesso e, depois, uma impressão em cera das pegadas. Décadas mais tarde, vi impressões como essas na sala de biólogos que

---

Nada do espetáculo da vida natural escapava à sua observação, e mamãe me permitia minhas próprias descobertas.

---

estudam a vida selvagem – moldes das imensas patas de ursos, lobos, suçuaranas – e senti um tipo imediato de afinidade, embora meus troféus da infância tenham sido de bassês, gambás, guaxinins. A especificidade dos detalhes conservados naqueles moldes – a maravilha dos encaixes perfeitos – estava tão presente nas rugas delicadas da sola dos pés do guaxinim suburbano quanto nas almofadas dos dedos do lince canadense.

Uma luz se acendia e aquecia meus pensamentos quando eu via e me envolvia com o mundo ao ar livre. Reluto em admitir que essa mente de meia-idade se tornou mais soturna ou isolada pelo acúmulo de detritos do tempo, pelas minúcias e, talvez pior ainda, pela desprezível falta de encantamento, quando ainda há tanta coisa no mundo que deveria ser tão misteriosa para mim hoje quanto era naquela época. Essas vias neurais ainda estão abertas em mim – e podem até estar iluminadas –, mas muitas vezes já não percebo a luz. Na visão que tenho do “garoto-natureza” que eu era, vejo a luz da mente dele brilhar até na escuridão do anoitecer, acesa como um lampião ardente.

O que hoje percebo ter sido raro no modo como minha mãe se relacionava com a natureza próxima aos centros urbanos – raro e maravilhoso – era a sorte que eu tinha de não ver aquela relação como um doutrinação ou como perda de tempo. Ela não se levantava todo dia com uma lista de obrigações maternas a serem cumpridas, mas me apresentava à natureza de um jeito orgânico, sem a pressão dos cronogramas. Não havia aquele véu de pesar iminente que acompanha muitos momentos meus ao ar livre atualmente, quando paro para pensar no fim das coisas, nos aspectos fundamentais subjacentes. “Ela viveu todos os seus dias em estado de graça”, escrevemos sobre ela depois de sua morte precoce, em 1991, e, quanto mais velho fico, mais percebo o quanto é grande essa conquista

em qualquer idade: parece ser a coisa mais simples do mundo, mas, paradoxalmente, às vezes é uma das mais fáceis de esquecer.

Eu amaria tanto o mundo selvagem se ela não tivesse sido apaixonada pelo nosso quintal? Não há como saber. No outono e no inverno, quando à noite minha mãe ouvia a neve e os gansos do Canadá migrando em direção a Katy Prairie, ela nos chamava para o gramado. Nada do grande espetáculo da vida natural escapava à sua observação nem à sua comemoração. E, como o melhor dos guias, ela me permitia minhas próprias descobertas, minhas queimaduras, com o prazer, talvez, da caçadora-coletora que compartilha sua sorte com aqueles que ama ou com quem se preocupa, ou que leva um colega caçador à floresta ou ao vale onde a caça é boa.

**F**oi meu pai quem me levou a lugares mais selvagens. No início da década de 1930, ele, meu tio e meu avô arrendaram um campo de caça de 400 hectares nas rochas e desfiladeiros áridos de Hill Country, depois de Fredericksburg. Isso foi antes da invasão do turismo uma época em que ainda se continha o alastramento do cedro por meio de queimadas quando tudo o que o dinheiro deles podia arrendar era a terra de relevo irregular que ninguém mais queria.

Por mais acidentada e sem valor que fosse para a época, para nós aquela terra era linda. O terreno, pedrego-

so demais até para as cabras, e sem solo bom o suficiente para plantar ou criar gado, era um amontoado de gigantescas rochas de granito erodidas com formato de globos, retângulos e animais fantásticos – um rinoceronte, um camelo, um rosto da Ilha de Páscoa, um punho fechado. Os comanches veneraram aquela terra; suas ferramentas de sílex e pontas de flecha repousavam no amontoado de pedras soltas à margem dos penhascos açoitados pelo tempo, e não era difícil imaginar seus acampamentos nos velhos tempos, sentados naquelas rochas, acendendo fogueiras e fazendo armas com chifres e pedras.

**M**eu pai me levava lá uma ou duas vezes por ano, dirigindo grandes distâncias, e, nas últimas horas, por estradas de terra acidentadas. Em Houston, procurei quaisquer pequenos lotes de terreno com florestas, pastos e riachos sinuosos disponíveis, no limite mais distante das áreas em lenta expansão (da qual, sem dúvida, éramos cúmplices), mas não havia comparação, em termos de vida selvagem, entre esses lotes de natureza próspera e agitada à sua maneira nos limites da cidade e o grau de integridade ecológica que se encontrava em Hill Country, lá nas pedras e cactos tão distantes – assim me parecia, quando criança – da mão do homem.

Para um menino de 10 anos, Hill Country era tão selvagem quanto

Brooks Range, no Alasca, ou Muskwa-Kechika, no Canadá: é tudo uma questão de escala. As Montanhas Wind River, no Wyoming, os Montes Uinta, em Utah, as Montanhas de San Juan, no Colorado, a reserva florestal Bob Marshall Wilderness, em Montana: um planeta saudável precisa desses grandes núcleos de terreno intocado para servir de fonte de vitalidade e integridade, mas contatos menores, iniciais e mais moderados com a natureza – pardais, coelhos do brejo, veados de cauda branca – podem servir de ponte entre onde estamos agora, cansados e confusos, cautelosos e levemente paralisados, e a volta a uma paisagem mais ampla e mais selvagem, na qual as pinceladas da natureza eram – e são – mais fortes e mais complexas.

Seria bom lembrarmos que antigamente o planeta todo era selvagem. O mundo onde nascemos, e que configurou e esculpiu tanto nosso cérebro quanto nosso corpo e nosso sistema lógico, era selvagem. Era, e continua a ser, a base, o alicerce de tudo o que escolhemos chamar de “natureza” – o lugar de onde veio todo o restante da vida natural – e, em escala microscópica, num ponto interessante da história (fim da década de 1950 e por toda a década de 1960), tive uma sorte extraordinária na infância, ao ter em minha vida, num lugar que decididamente não era mais virgem, tanto a natureza quanto a vida selvagem: ter o exemplo cotidiano da minha mãe e aquelas longas viagens na companhia de meu pai.

Hoje nossa cultura entende que, em razão da riqueza e do consumo extremos, o restante do mundo - e nós nele - vive uma época de escassez, pobreza e definhamento cada vez maiores. Assim, é com um misto de alegria e tristeza que me lembro da abundância da minha infância. Na natureza, costuma haver um fenômeno em que o pico de produtividade de um sistema não ocorre na estagnação relativa da segurança e da estabilidade da fase intermediária, mas sim depois que o sistema sofreu o primeiro grande dano. A conífera atingida por um raio, cercada por aquela espiral inconfundível, conclama toda sua energia para produzir uma safra maior ainda de cones de sementes, e os lança lá de cima nas ricas cinzas que aguardam nos restos queimados

---

## Os sapos se reuniam em volta dos postes de luz e esperavam que os insetos batessem em pleno voo e caíssem.

---

lá embaixo. Era assim nos lugares em que morei à beira das florestas e pradarias, onde as primeiras mordidas das escavadeiras arranhavam aquele rico solo, provocando uma efusão de vida ainda maior e mais inspirada por aquela perturbação inicial. Para

todo lugar que eu olhava, havia uma correria, com o fundo dos rios mandando uma diáspora para os quintais e jardins recém-colonizados, enquanto nós e nossas casas nos esgueirávamos, como os colonizadores, mais para dentro dos limites indistintos do que já fora um grande reino.

Lembro-me especificamente dos sapos. A cada metro em nosso bairro novo havia um poste de iluminação a gás, de modo que, tarde da noite, no verão, depois que o sol se punha e as estrelas emolduravam o topo dos altos pinheiros, as ruas do bairro pareciam sinuosos rios de ouro fosco. Os sapos se reuniam em volta dos postes de luz como convivas em torno da mesa do banquete e esperavam, aparentemente com certa paciência, que os insetos de asas lustrosas batessem em pleno voo e caíssem, ferissem as asas nos vidros quentes ou simplesmente se cansassem de voar e pousassem no chão: um erro.

Eram sapos grandes; fartavam-se a noite inteira, naquele tesouro ecológico. Não posso descrever quantos eram. Não só se amontoavam em volta de todos os pequenos postes de luz que pontilhavam aqueles caminhos pela floresta como enchiam as calçadas e transbordavam pelas ruas. No fim da tarde, saíam de baixo de todas as pedras de todos os jardins, pulando pelos gramados recém-aparados; conquistavam, reivindicavam e colonizavam a calçada noite adentro.

É claro que eram atropelados nas ruas. Não havia ruas no verão que não ficassem recobertas pela achatada he-

rança do que haviam sido e de onde tinham estado.

À noite ficavam escorregadios e moles sob as rodas dos carros, mas no dia seguinte o sol do verão secava-os rapidamente até ficarem finos como papel. Sabiás e gaios azuis levavam a maioria deles embora como folhas de compensado em miniatura, mas, apesar dessa redução noturna, sempre aparecia mais. Em certas noites, eu e meus amigos, para nos divertirmos, subíamos e descíamos as calçadas da nossa rua recolhendo sapos vivos sob os postes de luz só para ver até onde conseguíamos encher nossos altos baldes. Eles ficavam pesados e nos esticavam os braços; os sapos pulavam, se mexiam e se contorciam. Era uma sensação estranha carregar tantas vidas, cem ou mais, em cada balde.

Fazíamos guerras com eles. Arrumávamos filas e colunas de soldadinhos

de plástico verde numa das pontas da caixa de areia, depois despejávamos um balde com cem ou mais sapos na outra ponta e assistíamos – como os romanos observavam os cristãos e os leões – aos sapos galopando sobre a cabeça dos homens do exército, os fuzis e granadas dos soldados totalmente ineficazes contra o poder dos vivos.

Naquela época, lanternas de vagalumes ladeavam a nossa cama no verão. As cigarras cantavam e caíam, joias faiscantes a girar e zumbir aos nossos pés. Na riqueza, estávamos à beira da perda – alguns diriam à beira do abismo –, mas não víamos. Os nossos dias não eram sobrecarregados pelo conhecimento do futuro. Mais do que inocência, era uma bênção.

Em que bênções igualmente não reconhecidas habitaremos hoje? Devem estar por aí. Devem estar todas à nossa volta. Ainda.

## TETO DE VIDRO

**Meu irmão sofreu** um acidente com o carro do meu pai pouco depois de tirar a carteira de motorista. Porque a pista estava coberta de neve, ele derrapou e bateu em cheio na lateral do outro carro, amassando-a completamente. Ninguém se feriu, mas o outro motorista ficou furioso e reclamou muito por deixarem um jovem inexperiente dirigir no inverno.

A policial estava registrando a ocorrência e, ao anotar o nome do homem, pensou um instante e virou a folha do seu caderninho para a página anterior.

– Sinto muito ter de lhe informar – disse –, mas acabo de vir de outro acidente com outra jovem inexperiente. Não aconteceu nada com sua filha, mas o carro de sua mulher, que ela estava dirigindo, sofreu perda total.



*Karen Stacey*